

ENSAIANDO UMA EPISTEMOLOGIA DO ÓCIO

Viktor D. Salis¹

RESUMO: Aqui se busca promover reflexão sobre os termos ócio, trabalho e lazer, com intenção de ir além dos significados apreendidos a partir do que a modernidade conferiu a eles. Pretende-se retomar suas definições e práxis originais tomando como ponto de partida a Paideia da Grécia antiga para sua aplicação no séc. XXI. O estudo tomou como método a revisão e interpretação de textos clássicos.

PALAVRAS-CHAVE: ócio, lazer e trabalho.

ABSTRACT: Here we seek to promote reflection on the terms leisure, work and recreationleisure, with the intention to go beyond from the seized meanings seized from that modernity has given them. We intend to resume their original settings and practice taking as its starting point the ancient Greek Paideia for its application in the century. XXI. The study took as a method theto review and interpretation of classical texts.

KEYWORDS: leisure, recreationentertainment, leisure and work.

INTRODUÇÃO

Inicialmente abordaremos os conceitos abaixo com uma respectiva comparação de suas práxis no latim e grego antigo; além disso, sempre que possível, recorreremos às definições e funções correspondentes em português. A seguir, faremos uma discussão sobre esses conceitos e apontaremos caminhos para a sua aplicação:

GREGO ANTIGO	LATIM	PORTUGUÊS
1 - <i>Psicagogia</i>: conduzir a Psiquê, ou educar a Psiquê. É uma ação criadora e/ou contemplativa. É o célebre aforismo socrático: “Conhece-te a ti mesmo e então conhecerás os deuses”.	<i>Otium</i> Sêneca: o ócio é criador e contemplativo. Procura resgatar o pensamento socrático cinco séculos depois.	Ócio: confunde-se com mero tempo livre e diversão. A partir do final da Idade Média, passa a ser condenado como imoral e inútil.
2 - <i>Shólacis</i> (pronuncia-se com o “h” fortemente aspirado): significa “dispensa das obrigações” que em grego é: “Shólío” - daí também se derivou escola - “Sholío” - que é seu oposto e significa ocupar-se para aprender. Note-se que a simples mudança na acentuação inverte seu significado.	<i>Licere</i> ou <i>Desidia</i>: significa diversão, intervalo, recreio. Mantém o significado de “dispensa das obrigações” e passa a designar o lazer.	Lazer: confunde-se com ócio e diversão. Consolida os costumes romanos sobre o lazer, mas a cristianização posterior passa a condenar a sua aberta realização.

¹ Psicólogo pela PUC-SP, doutor pela Universidade de Salzburg (A fenomenologia dos Mitos) e pela Universidade de Genève (Epistemologia Genética). Professor da PUC-SP, Universidade de Mogi das Cruzes, Faculdade de Medicina de Jundiaí, Faculdades Metropolitanas Unidas, Faculdade Católica de Santos. E-mail: vdsalis@terra.com.br

<p>3 - Douleia (trabalho servil): não é originariamente um trabalho de servos, mas as obrigações da sobrevivência que temos de cumprir. Passa a designar a partir do séc. V a.C. o trabalho servil também.</p>	<p>Labor (origem: Tripalium): era um instrumento de tortura para obrigar os servos a executar as tarefas exigidas. Tripalium originou a palavra trabalho. É uma atividade dos plebeus ou dos servos.</p>	<p>Trabalho: mantém o significado latino e torna-se praticamente sua única forma de expressão no mundo desde o período romano até os nossos dias. A igreja procura valorizá-lo, mas sem atingir a nobreza e as classes abastadas.</p>
<p>4 - Erga: trabalho criador e/ou contemplativo. Está voltado à realização dos talentos e a servir os deuses, tornando o homem semelhante a eles. Não tem finalidade lucrativa, mas permitir ao homem mostrar o que ele tem de melhor para si, os outros e para ofertar aos deuses.</p>	<p>Cógito: Muda o significado para “pensamento”. Agora a ênfase é para o racional. É o início da ditadura do racionalismo e da lógica como atividades nobres.</p>	<p>Trabalho: sem correspondência exata; apenas derivados - Demiurgo, ergonomia, por exemplo. É mantida a ênfase latina e racionalista do Iluminismo.</p>
<p>5 - Athlos: luta com busca para a Aretê - mérito. O melhor exemplo são os 12 trabalhos (athloi) de Hércules, onde o objetivo fundamental é a construção do homem obra de arte, ético e criador. Aqui a força física sempre fracassa frente à sabedoria de Atena, a inteligência de Hermes e a força de Eros. O herói domina a força física pela progressiva conquista da sabedoria.</p>	<p>Sinônimo inadequado: pugna laboral. Sem correspondência exata. Agora a ênfase é o “trabalho duro”, e Hércules é apresentado como um super-homem, com força descomunal e tudo vence graças a ela.</p>	<p>Trabalho: sem correspondência exata; apenas derivados - atleta, atletismo, etc. com significação de preparação e disputa física, tão somente. Os mesmos valores latinos são mantidos e a força física passa a representar o herói.</p>
<p>6 - Ágon: superação dos limites. Busca para estar à altura dos deuses. Agónes: competições Olímpicas. Jogos Olímpicos em grego: <i>Olimpiakoús Agónes.</i></p>	<p>Sinônimo inadequado: Ângor: sofrimento. Sem correspondência exata.</p>	<p>Sem correspondência exata; apenas derivativos - agonia. Sinônimo inadequado: jogos, lutar, competir.</p>
<p>7 - Áskesis: exercícios físicos, psíquicos e espirituais para a elevação do caráter. Muito próximos das tradições orientais da ioga, tae kwon do e tai chi chuan. São exercícios de autocontrole para dominar as vontades e os caprichos. “Calar as vozes mentais e emocionais”. Pitágoras</p>	<p>Ascese: muda o significado para a busca somente espiritual. Representa uma reação à decadência moral e sexual do mundo romano. Sofre influência dos estoicos e do Cristianismo inicial.</p>	<p>Ascese: mantém o significado latino, enfatizando o desprendimento material, com ênfase no controle moral e sexual defendido de modo fanático pela igreja, que vê na mulher uma fonte perigosa de desejo e descontrole.</p>
<p>8 - Gýmnasis: exercícios para desnudar o corpo e revelar a psiquê. Ter a coragem de ser verdadeiro e assim se revelar - daí o desnudar como exercício supremo da virtude (Aretê). Gymnásio: local para aprender a ser verdadeiro e assim se expressar; ter a coragem de ser. Gymnós: “ficar nu”: a aparência deve coincidir com a essência e tudo revelar.</p>	<p>Exercitium: muda o significado para exercício físico e mental em geral. A ênfase passa a ser exclusivamente “mens sana in corpore sano”. Mente sã em corpo são, em que mente é a razão e o corpo, o físico a treinar e dominar.</p>	<p>Ginástica: copia o significado para exercício, como no Latim. Dá origem ao ginásio - sinônimo de escola. Identifica-se com aprendizado meramente cognitivo e treinamento físico do corpo, mantendo a definição romana.</p>
<p>9 - Heiragogia (o “h” é fortemente aspirado): Condução criadora das mãos. Heir: mão. Agogia: condução. Daí “Heirúrgos”: criador através das mãos.</p>	<p>Manus ópera: trabalhos manuais - são fortemente desvalorizados como pertencentes à classe operária.</p>	<p>Trabalhos manuais: recentemente foram revalorizados como terapia ocupacional. Derivou “cirurgião”.</p>

A primeira coisa que salta aos nossos olhos é o enorme empobrecimento das atividades que hoje atendem pelo nome tão simplificado de “trabalho” e “ócio”.

Não se trata aqui de uma busca erudita sobre a origem e o significado dessas palavras, mas sim de resgatar condutas e hábitos que construíam, através da Paideia, o homem verdadeiramente civilizado – homem obra de arte, ético e criador - e que hoje está em cheque com sua decadência consumista.

Passaremos agora a uma explicitação das formas praticadas para o ócio na Paideia e no cotidiano da Grécia Antiga e também veremos a aplicação do que hoje chamamos de forma simplificada como “trabalho”. Note-se que esta simplificação – tanto do ócio como do trabalho – é reflexo da transformação das sociedades mítico-eróticas em sociedades mercantilistas e hoje consumistas.

Antes de prosseguirmos, devemos explicar o que se entende por “sociedades mítico-eróticas”. Essa denominação aparece pela primeira vez em Mircea Eliade, em sua obra *Mito e Realidade*, que será adotada por vários outros estudiosos da mitologia. Trata-se de culturas em que não existe uma separação rígida entre o real e o imaginário, sendo um o reverso do outro. O papel do mito é unificar essas duas realidades de modo paradigmático.

Além disso, o erótico define um modo de vida que valoriza viver de forma apaixonada e criativa e menospreza o indivíduo e as sociedades “produtivas”, voltadas ao acúmulo de bens. Como se pode perceber, o papel do ócio criador é fundamental nessas sociedades.

PSICAGOGIA - OTIUM - ÓCIO

A função essencial do ócio na educação grega (Paideia) era ser criador (Psicagogia) e assim permanecer durante a vida do homem grego. O desafio era formar um homem a partir do conhecimento de si e do outro, do que ele tem de melhor – seus talentos – e dar-lhe um caráter individual e social de dignidade ética para alcançar o melhor de si e servir a polis.

Ao contrário do que acontece hoje, o ócio tinha uma função essencial na educação grega denominada Psicagogia – que significava desenvolver a arte de conhecer a si mesmo e ao outro. Era a assim chamada segunda etapa da Paideia, sendo a primeira, a Paideia propriamente dita (educação da coragem de ser verdadeiro); a segunda, a Psiqueia (o conhecimento de si e do outro); e a terceira, a Misteia (o conhecimento dos deuses e de seus mistérios).

Estamos aqui frente a frente com o significado original do aprendizado em desenvolver um conceito tão em voga em nossos dias, chamado “tempo social”. Esse conceito perdeu seu lugar como educação sistemática restringindo-se a atividades muitas vezes ligadas ao lazer, ou então como uma forma

de continuar as obrigações pessoais e profissionais. Michel Mafessoli, em seu livro *A sombra de Dionísio* ou *Contribuições para uma sociologia da orgia* (Ed. Graal – 1985), estabelece claramente uma distinção fundamental entre o social e aquilo que ele chama de “societal”, em que o verdadeiro tempo social é uma celebração da vida e dissolve o individual no orgiástico da comunidade.

É a oposição entre o dionisíaco e o prometeico, na qual o primeiro representa a dissolução do individual no “societal”, e o segundo nos remete ao mito de Prometeu como o “deus civilizador do homem através do trabalho”. Essa é, sem dúvida, uma glorificação do trabalho como a única forma de se alcançar a dignidade, enquanto que o dionisíaco representa a decadência “orgiástica”.

Mas trata-se aqui do resgate da ordem orgânica – a orgia em seu significado original. Não por acaso, temos os seguintes derivativos no grego antigo:

“Órgio” – conduta natural. Degenerou para orgiástico no mundo judaico-cristão desde os tempos romanos, quando o dionisíaco foi identificado com a decadência moral e sexual.

“Órganon” – ordem natural. Significa “órgão” em grego.

“Orgía” – conduta em comum. Orgia, que se identificou com as bacanais romanas.

“Organismós” – a ação do corpo idêntica à ação comportamental. Na modernidade, simplesmente “organismo”.

Percebe-se claramente que, já nos tempos romanos, há uma deturpação irreversível até os dias de hoje dos significados e condutas originais. Desse modo, orgia e orgiástico passam a descrever condutas instintivas e degeneradas do tempo social.

Vemos aqui que no lugar de indicarem, como era na sua origem, uma busca em direção à compreensão e adequação da conduta à ordem imposta pelo organismo, degeneraram numa conduta instintiva no seu sentido mais primitivo.

O orgiástico ganha um significado confusional onde a sexualidade desvairada substitui o êxtase e o social dionisíaco. O caminho da evolução do instinto em direção à ética, num processo de educação e aperfeiçoamento do mesmo, é abandonado e transformado numa bacanal. Esse caminho seguia os seguintes passos:

“Enstos” – instinto cego. Desconhece o bem e o mal e o respeito à vida.

“Estos” – sentimento – estima em português. É o instinto depurado em sentimento que celebra a vida, pois aprendeu a precisar do outro para viver e não mais para servi-lo em lauto banquete à sua mesa.

“Ethos” – ética. É o sentimento aperfeiçoado para se aproximar do divino.

Observe-se aqui que se trata de uma depuração e aperfeiçoamento do instinto e não de sua castração. A estrutura linguística é brilhante e a revela com perfeição: da primeira palavra retira-se o “n”, e da segunda, o “s”. Essa simplificação revela uma elevação do instinto em direção à ética.

Os antigos chamavam-na de “Ethagogia”: condução em direção à ética, ou simplesmente educação ética. Estamos aqui descrevendo as etapas que Nietzsche comentou como o brilho da educação ética na Paideia, por oposição à educação racionalista – ou iluminista – da modernidade. “É que educavam antes o instinto e depois a razão – daí o esplendor desta civilização” – Op. Aurora.

Sêneca, no início da era cristã, retoma o conceito original de ócio em toda a sua amplitude. Além de abrir as portas para o conhecimento de si e do outro, ele é contemplativo (aproxima o homem dos deuses) e criador. Ou seja, revela e realiza o que temos de melhor: nossos talentos para transformar-nos em obras de arte e tornar-nos semelhantes aos deuses.

A visão moderna do ócio confunde-se com lazer, diversão e inutilidade, sendo evidente sua condenação como uma forma de o homem afastar-se de suas obrigações sociais e religiosas. São famosas as frases: “Deus ajuda a quem cedo madruga”; “O trabalho enobrece o homem; já o ócio empobrece.” (sic). É por demais conhecida a origem das palavras e das atividades “negócio - negociante”: negadores de ócio - negociantes.

O ócio era subdividido em diversas atividades – cuja maior parte descrevemos no quadro inicial deste ensaio – e agora passamos a examinar mais amplamente. De maneira geral, a etapa da educação que ia dos 14 aos 28 anos e ficou conhecida como Psicagogia preparava o futuro cidadão para um estilo de vida que se prolongaria durante toda a sua existência. Os Simpósios, atividades constantes das irmandades ou fratrias na casa dos mestres, são um exemplo eloquente do uso criador e contemplativo do tempo social voltado à busca de si, do outro e do sentido da existência. Vale ressaltar que essas atividades se prolongavam por toda a vida e não se restringiam apenas à educação do jovem. Por outras palavras, a Paideia era a única educação verdadeiramente continuada de que se tem notícia na história da humanidade.

A - Erga – Trabalho criador e/ou contemplativo

“Erga”, ou trabalho criador e/ou contemplativo, está voltado à realização dos talentos e a servir os deuses, tornando o homem semelhante a eles. É clara sua oposição à “Douleia” – trabalho servil ou de obrigação. Essa divisão do conceito de trabalho em duas vertentes opostas desaparece já no Império Romano e assim prevalecerá até os nossos dias. O trabalho criador e/ou contemplativo passa a ser desvalorizado ou ironizado a partir daí, sendo respeitado apenas em notáveis exceções: grandes pintores, músicos, escritores, filósofos etc.

De todo modo, pertence a pessoas excepcionais e não é mais um atributo a ser alcançado e desenvolvido na formação e educação de todos os cidadãos. Ao contrário, as artes em geral – música, teatro, dança – e mesmo a filosofia são condenadas pela Igreja e vistas de forma negativa quanto ao uso do tempo social. Artistas e pensadores são pessoas de reputação suspeita para dizer o mínimo, e essa mentalidade prevalece em certa medida até os dias de hoje, embora já atenuada. Mas é inequívoco o modo como são desvalorizadas especialmente porque não são atividades lucrativas (sic). Aqui, mais uma vez, se evidencia a negação do ócio – o negociante – e a valorização das profissões voltadas ao lucro (capitalismo) ou ao trabalho

“útil” (socialismo) onde a arte “não passa de uma atividade burguesa” (sic).

Finalmente é importante ressaltar que o termo “Erga” – atividade criadora na Grécia Antiga – é alterado para “Cógito” em latim, quando muda o significado para “pensamento”. Agora a ênfase é para o racional. Nas línguas neolatinas e com o advento das sociedades mercantilistas, essa atividade passa apenas a designar trabalho obrigatório para a sobrevivência. Restam apenas derivados – demiurgo, ergonomia, por exemplo. É mantida a ênfase latina e racionalista do Iluminismo. Não é demais acrescentar que “trabalho” retoma o sentido latino de escravidão para a sobrevivência.

B- Athlos – Luta com busca para a Aretê – mérito

O melhor exemplo são os 12 trabalhos (“athloi”) de Hércules, em que o “atleta” deve vencer desafios externos e internos ao mesmo tempo para a formação e a consolidação de seu caráter incorruptível.

Já em latim, o sinônimo utilizado é “pugna” ou “labor”, que significa meramente luta ou trabalho sem qualquer referência à busca da Aretê e, principalmente, ao ideal de assemelhar-se aos deuses. Mais ainda, afasta-se completamente do ideal “atletico helênico”, que era o caminho do aperfeiçoamento para se tornar um herói.

Em nossa língua, é traduzido como “trabalho” tendo apenas derivados: atleta, atletismo, etc., com significação de preparação e disputa física, tão somente. Mais uma vez, se perdeu de vista uma atividade das mais importantes consagradas ao ócio criador: o atletismo, em sua expressão original: um exercitar-se contínuo para o aperfeiçoamento simultâneo do corpo, da psiquê e do espírito em direção ao caminho do herói para assemelhar-se aos deuses. Isso envolvia, por excelência, a formação do homem obra de arte, ético e criador.

C- Ágon – Superação dos limites. Busca para estar à altura dos deuses

Ágon era uma das atividades mais consagrada do ócio criador e reservada aos jovens que poderiam assim mostrar estar à altura do reconhecimento divino. Era por excelência o caminho do herói, que em grego pode ser traduzido como a busca e o merecimento do sagrado.

Sua melhor expressão estava nas competições Coríntias (a mais antiga de todas, datando do séc. XIII a.C.), Olímpicas, Déléficas, Panatenaicas e outras. Chegaram até nós as Olímpicas, mas é necessário ressaltar que havia outras de igual importância e significado: estar à altura dos deuses.

Foram erroneamente traduzidas como jogos, o que evidencia seu enorme empobrecimento na modernidade, pois agora prescindem de seu caráter ético e de honrar o divino. Note-se a tradução correta abaixo, que não é mera erudição, mas designa uma conduta e uma postura ética das mais elevadas por parte do jovem, sendo esta a razão pela qual ele devia se

apresentar totalmente nu, pois sua beleza exterior revelava seu interior; não tinha nada a esconder.

Agónes – Competições Olímpicas.

Jogos Olímpicos em grego: “*Olimpiakoús Agónes*” – superação dos limites para alcançar o Olimpo – em tradução mais aproximada. A tradução inadequada para o latim é “*Ángor*” – sofrimento – que está longe de revelar seu verdadeiro significado. Nas línguas neolatinas, a situação se agravou, pois somente encontramos os sinônimos “agonia”. Alguns sinônimos inadequados são: jogar, lutar, competir.

D- Áskesis – exercícios para a elevação do caráter: físicos, psíquicos e espirituais

Ascese: muda o significado para a busca somente espiritual. Frequentemente identifica-se com as práticas de meditação e contemplação típicas da tradição oriental.

Na modernidade, mantém o significado latino, enfatizando o desprendimento material e afastando-se dos exercícios físicos e espirituais. Somente as tradições orientais mantêm-se fiéis a este exercitar que vai da luta à meditação e contemplação, como por exemplo, o tae-kwon-do, tai-chi-chuam, etc.

Finalmente “Ascese” assume um forte caráter moral e mesmo religioso de purificação. Ascético passa a identificar o indivíduo “puro” e que não se deixa macular pelos “maus costumes da carne”.

E- Gýmnasis – exercícios para desnudar o corpo e revelar a psiquê.

É a base da Paideia voltada à coragem de ser verdadeiro e assim se revelar – daí o desnudar como exercício supremo da virtude (Aretê). O que está no interior do ser deve ser idêntico ao exterior e desse modo é uma honra poder desnudar-se.

O Gymnásio é o local por excelência para se aprender a ser verdadeiro e assim se expressar. É o conceito arcaico de honra e ter a coragem de ser. Sobreviveu até nossos dias com as expressões: “Não tenho nada a esconder. Estou de peito aberto e de cabeça erguida”. O conceito de “Gymnós” significa “ficar nu”, já que a aparência deve coincidir com a essência e tudo revelar. Tocamos aqui novamente o conceito arcaico de coragem.

Além disso, esses exercícios praticados no Gymnásio se estendem ao teatro, o canto e a dança transpondo os limites da Paideia juvenil e adentrando a vida adulta como práticas por excelência do ócio criador.

Teatro: é parte integrante tanto da educação do jovem como dos ritos cotidianos consagrados a Dionísio. Os exercícios de expressão são considerados parte essencial da civilidade e parte das cerimônias dedicadas ao deus Dionísio.

O canto e a dança: também são partes essenciais da educação do jovem e integram os rituais e as expressões cotidianas de consagração aos deuses. A comemoração (co-memoriám) é uma recordação mítica do tempo em que homens e deuses viviam lado a lado – daí significar “memória de algo”. Por outras palavras, reedita-se aqui, na comemoração, o mito do paraíso perdido onde nada nos falta e tudo é fartura, alegria e saúde e daí decorre o brindar multimilenar: Saúde!

Em latim passa a ser denominado “exercitium” mudando o significado para exercício físico e mental em geral.

Já na modernidade é chamado de “ginástica” ou copia o significado para exercício como no latim, dando origem ao ginásio – sinónimo de escola – e identifica-se com o aprendizado meramente cognitivo ou exercício físico.

Finalizamos observando a urgente necessidade do resgate da função original do ócio criador e suas variantes e só podemos lamentar o trágico empobrecimento ocorrido desde o Império Romano até os nossos dias. Como vimos anteriormente, a passagem das sociedades mítico-eróticas para as mercantilistas consumistas tem custado muito caro à dignidade da condição humana. Além disso, esse “modus vivendi” está produzindo um planeta insustentável para as futuras gerações.

Não é demais recordar que a função do ócio criador terá de voltar a ter o papel original que desempenhava na Grécia Antiga em suas múltiplas manifestações que descrevemos acima. Esse é seu sentido social por excelência: ensinar o homem a viver mais, gastando menos e criando mais num plano ético.

BIBLIOGRAFIA

- APOLLODÓROU: *Bibliothéke*; Atenas, Ed. Afon Tolidi O. E, 1984.
- IOÁN STAMATÁKOU: *Lexikón tes Arxaías Ellenikés Glóssis* (Dicionário da Língua Grega Arcaica); Atenas, Ed. O Foinix, E. P. E. 1972.
- IOANNOU RISPEN: *Elleníké Mythologgia*; Atenas, Ed. Pergaminai, 1954.
- PLATÃO: *Diálogos - Menon, Simpósio*, Fedro; Rio de Janeiro, Ed. de Ouro, 1974.
- HERMES TRIMEGISTOS: *Corpus Hermeticum - A Tábuca de Esmeralda*; São Paulo, Ed. Hemus, 1988.
- DETIENNE, Marcel: *Os Mestres da Verdade na Grécia Arcaica*; Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1982.
- ELIADE, Mircea: *Mito e Realidade*; São Paulo, Ed. Perspectiva, 1986.
- WERNER, Jaeger: *Paidéia: A Formação do Homem Grego*; São Paulo, Livraria Ed. Martins Fontes, 1986.
- SCHURÉ, Édouard: *Os Grandes Iniciados (oito vols.)*; São Paulo, Martin Claret Ed., 1987.

REVISTA - *La Puerta: La Tradición Griega*; Barcelona, Ed. Obelisco, 1992.

SEABRA FILHO, José Rodrigues: *Sêneca – Sobre a Tranqüilidade da Alma – Sobre o Ócio*; São Paulo, Edição Bilíngüe; Nova Alexandria, 1994.

LI William: *Sêneca – Sobre a Brevidade da Vida*, São Paulo, 333 Edição Bilíngüe; Nova Alexandria, 1993.

SALIS, Viktor D. com vários autores, *Morte e vida – Estudos fenomenológicos*, São Paulo, Editora Itatiaia, 1988.